

FOLHA



I N F O R M A T I V A

35^o Festival
de Almada

04 a 18 de Julho – 2018

Organização:
Câmara Municipal de Almada
Companhia de Teatro de Almada

N.º 15 – QUARTA-FEIRA, 18 DE JULHO

Que espectáculo gostaria que regressasse em 2019? Vote e entregue o seu boletim na urna colocada à entrada para o Palco Grande. Boa escolha!



Nada de mim



Bonecos de luz



Kalakuta Republik



Colónia penal



Final do amor



Arizona



A reunificação das duas Coreias



O quarto de Isabella



Philip Seymour Hoffman...



Carmen



A alegria



A tecedura do caos



Melodramas de horror



A meio da noite



A última estação



Dr. Nest

Espectáculo de Honra 2019

Um acto de amor

Aconteceu ontem o último *Colóquio na Esplanada* desta edição do Festival de Almada. Natália Luiza, co-directora artística do Teatro Meridional, esteve à conversa sobre o seu regresso aos palcos, com um espectáculo que dá vida às memórias de Carmen Dolores. O encontro foi moderado por Paula Magalhães.



© Luana Ribeiro

Uma branca em palco, em Maio de 1996, fez com que Natália Luiza praticamente desistisse de ser atriz. Nessa noite, a encenadora e co-directora artística do Teatro Meridional representava *A noite de Molly Bloom* e saltou “uns 20 minutos de texto”. “Desenvolvi um medo muito próximo do patológico”, reconhece a atriz. Só mesmo o pedido de Carmen Dolores a levaria a abraçar um projecto que, por mais diferente que seja do texto de Sinisterra, não deixa de ser também a reedição de um monólogo. “Um monólogo é uma

solidão muito grande. É difícil não ter ninguém para errar em conjunto. Este projecto está a ser um conflito comigo mesma e, ao mesmo tempo, um prazer”, afirma Natália Luiza. “Tinha de ser feito com o coração. A Carmen pediu-me que fosse eu. Conhecemo-nos em 1986, n’O jardim das cerejas, e nunca mais perdemos o contacto. Ela é a minha madrinha de teatro e uma das pessoas que eu mais admiro nesta profissão”. Preparou-se assim para ser a porta-voz de Carmen Dolores, certa de que “não queria nem podia ser a Carmen. Queria apanhar a alegria e

a excepcionalidade de uma atriz que é diferente na sua maneira de estar na vida e no teatro, mas nunca pela mimetização. Esta é apenas mais uma das suas vozes”. Para Natália Luiza, a apropriação das palavras da atriz tem-se revelado até, muitas vezes, “uma coisa violenta. Custa-me muito falar da família, por exemplo”. A atriz elogiou ainda o trabalho com Diogo Infante (por quem nunca tinha sido dirigida, mas com quem já tinha trabalhado, como encenadora, em cinco ocasiões) e a dramaturgia que este concebeu a partir do terceiro volume da autobiografia

de Carmen Dolores: “Trazemos a atriz, mas também a pessoa. A grande mensagem é o percurso da Carmen, da tristeza para a alegria”. Nesse sentido, está de acordo com a moderadora, Paula Magalhães, para quem o espectáculo é “uma homenagem, um acto de amor, uma história” e, simultaneamente, um repositório de algumas “memórias do teatro português”. Se não assistiu às quatro sessões incluídas na programação do Festival de Almada, saiba que *Carmen* se mantém em cena no Teatro da Trindade até ao próximo dia 29 de Julho.

CTA: Setembro a Dezembro

O Festival de Almada chega hoje ao fim, mas após as férias a Companhia de Teatro de Almada retoma a sua actividade no TMJB, apresentando até Dezembro três criações: *A boa alma de Sé-Chuão*, *Mártir* e *O romance da raposa*.

Em Outubro a Companhia de Teatro de Almada estreia *A boa alma de Sé-Chuão*, um dos textos mais célebres de Bertolt Brecht. A encenação marca o regresso de Peter Kleinert a Almada depois de, em 1981, ter levado à cena um outro texto do autor alemão (*A excepção e a regra*) na Academia Almadense. O espectáculo dará a conhecer uma das mais recentes traduções portuguesas da peça, da autoria de António Sousa Ribeiro, e terá Rita Cabaço, recentemente distinguida pela Sociedade Portuguesa de Autores com o prémio de Melhor Atriz de Teatro, no papel de Shen

Te: uma ex-prostituta que, ao abrir uma tabacaria, compreende que ser boa pessoa impede o sucesso dos negócios.

Levar a Bíblia à letra

Em Novembro, Rodrigo Francisco leva à cena *Mártir*, um texto de Marius von Mayenburg sobre um jovem permeável ao fundamentalismo religioso, com tendência para a interpretação literal dos textos sagrados. Depois de *O feio* (2016), um dos maiores êxitos de público da CTA nos últimos tempos, este é o segundo texto do dramaturgo alemão que a companhia divulga. *Mártir* decorre num

colégio, adequando-se ao público em idade escolar.

Para a infância

Em Dezembro é a vez de Teresa Gafeira regressar à dramaturgia e à encenação com *O romance da raposa*, uma adaptação do texto de Aquilino Ribeiro que também esteve na origem dos célebres desenhos animados que passaram na RTP na década de 80. A música original de Alexandre Delgado e o cenário e os figurinos de António Lagarto completam esta proposta para a infância, assente no potencial lúdico e pedagógico das fábulas.

